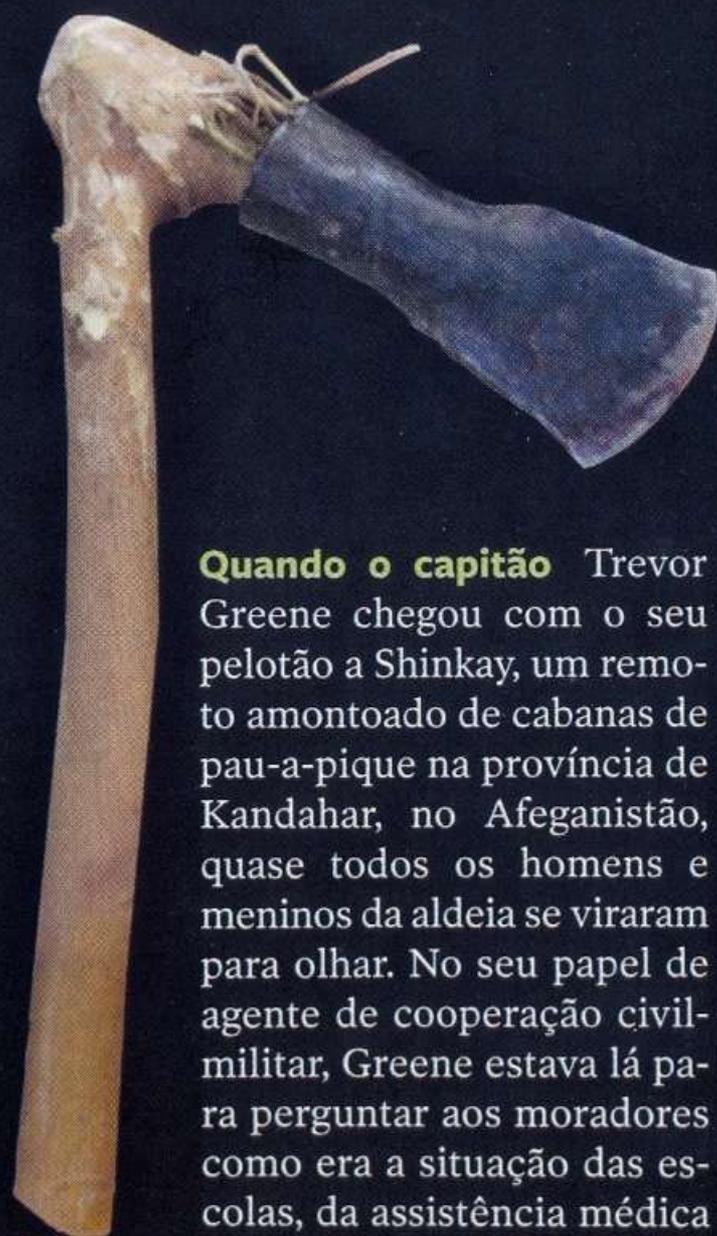




# AMOR E CORAGEM

Quase morto quando em serviço no Afeganistão, o capitão Trevor Greene parecia condenado a ficar em coma pelo resto da vida. Mas o amor da noiva o trouxe de volta.

POR ERIN MILLAR



**Quando o capitão** Trevor Greene chegou com o seu pelotão a Shinkay, um remoto amontoado de cabanas de pau-a-pique na província de Kandahar, no Afeganistão, quase todos os homens e meninos da aldeia se viraram para olhar. No seu papel de agente de cooperação civil-militar, Greene estava lá para perguntar aos moradores como era a situação das escolas, da assistência médica e da água potável. O objetivo: determinar onde os recursos das Forças Armadas

causariam mais impacto. Naquele dia, 4 de março de 2006, ele e a equipe já tinham visitado duas aldeias próximas, e foi com bom humor que se reuniu com um grupo de anciãos e aldeões de Shinkay, depois de tirar o capacete em sinal de respeito.

De repente, um rapaz avançou. Num movimento rápido, tirou um machado de dentro da roupa e, com o grito “*Allahu akbar!*” (“Deus é maior!”), enterrou-o na cabeça de Greene. Abdul

## “ACHEI QUE ELE ESTIVESSE MORTO. A RESPIRAÇÃO ERA ESTÁVEL, MAS HAVIA UM BURACÃO NA CABEÇA.”

*Capt. Kevin Schamuhn*

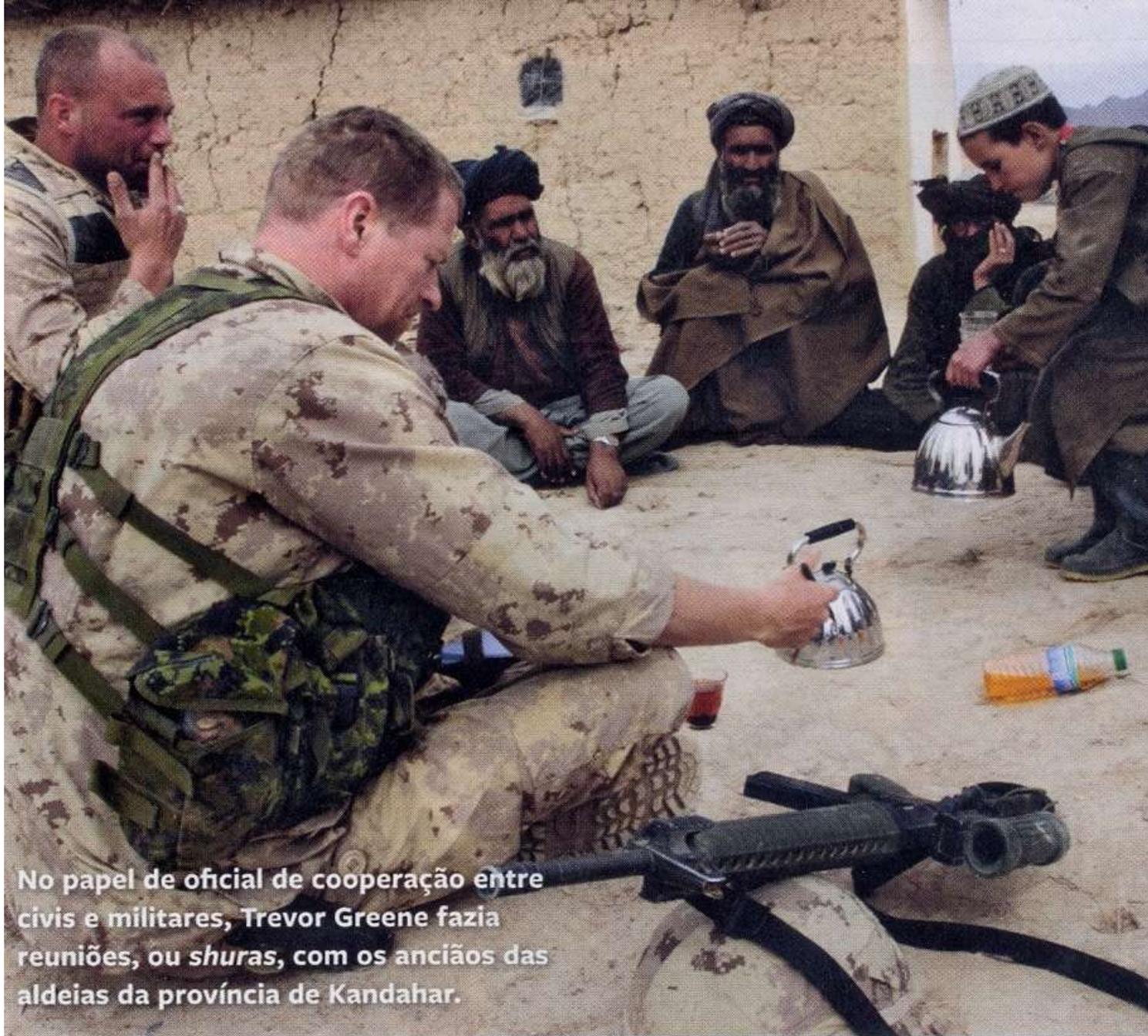
Kareem, 16 anos, preparava-se para dar o segundo golpe quando os soldados abriram fogo, matando-o na mesma hora. Os aldeões saíram correndo, deixando para trás sapatos e chapéus. Foguetes e fogo de metralha explodiram em torno dos paramédicos militares que trabalharam enlouquecidos para manter Greene vivo. O capitão Kevin Schamuhn correu para avisar o quartel-general, enquanto os soldados controlavam rapidamente a situação.

“Voltei para saber como ele estava, já esperando que os enfermeiros me dissessem que havia morrido”, recorda Schamuhn. “O mais incrível é que estava com os batimentos cardíacos e a respiração estáveis, mas com um buraco na cabeça.”

Dali a 45 minutos, um helicóptero-ambulância decolou, levando Greene. Shinkay ficou em silêncio. O adolescente afegão jazia no leito seco do rio, o corpo crivado de balas. Ali perto, salpicados na grama, havia sangue e matéria cerebral do soldado canadense de 41 anos que fora ajudar o capitão.

**Debbie Lepore disse a si mesma para não entrar em pânico.** Greene, o noivo, jazia imóvel num leito do hospital militar na Alemanha, a cabeça envolta numa atadura. Acabara de passar por uma cirurgia cerebral de emergência e o mantinham ligado a aparelhos, com a respiração e a alimentação totalmente controladas por eles. Debbie sabia que a lesão – sofrida dois dias antes e apenas dois meses após a chegada dele ao Afeganistão – era grave, mas achou que o noivo se recuperaria. “A maior parte do corpo parecia bem, e eu tentava ser otimista”, recorda ela. “A gente não aceita automaticamente que alguém está sendo mantido vivo. É difícil de entender.”

Uns dez dias depois, quando um avião levou Greene para o Hospital-Geral de Vancouver, Debbie percebeu a realidade. Ela foi chamada à sala de espera para conversar sobre o prognóstico com o médico. O que ele lhe explicou foi que, provavelmente, seu



No papel de oficial de cooperação entre civis e militares, Trevor Greene fazia reuniões, ou *shuras*, com os anciãos das aldeias da província de Kandahar.

futuro marido e pai da sua filhinha Grace nunca sairia do coma. O machado penetrara uns dois centímetros no cérebro, danificando o córtex motor primário e afetando gravemente as funções motoras primárias, inclusive a capacidade de falar. Mesmo que acordasse, Greene permaneceria em estado vegetativo, disse o médico à atordoada Debbie. *Ele não vai virar um vegetal, pensou. Os médicos podem conhecer o cérebro, mas não conhecem Trevor.*

Nos cinco anos que haviam passado juntos antes do ataque, Debbie se espantara com a determinação de

Greene. Atleta que se forçava a extremos (competia num time de rúgbi e num clube de remo), Greene era jornalista profissional e publicara dois livros, um dos quais, *Bad Date* (Encontro perverso), de 2001, no qual examina a questão da prostituição na zona leste do centro de Vancouver. O livro revela o fortíssimo sentimento de responsabilidade social de Greene, característica que acabou por levá-lo às Forças Armadas canadenses e a ser designado para o Afeganistão. Greene via a reconstrução do país dilacerado pela guerra como o primeiro pas-



**Algumas semanas após o** prognóstico do médico, Debbie estava sozinha com Greene e lia para ele uma carta enviada pelo amigo Brad. Ao comentar a letra bonita de Brad, ela segurou a página diante do rosto imóvel do noivo. Para sua surpresa, os olhos dele se dirigiram para o canto superior esquerdo da página e seguiram lentamente para a direita, voltando à esquerda depois de completar cada linha. Seguiram esse caminho até o pé da página, e, quando Debbie virou a carta, leram a segunda página. Ela perguntou ao médico: “Quem está em estado vegetativo consegue ler?” No dia seguinte, ele confirmou que Greene não estava mais em coma.

O casal começou a se comunicar em código: uma piscadela era “sim”, duas significavam “não”. Logo, Greene respondia

so para fazer algo pela vida do povo de lá. “Toda a história de Trevor gira em torno da defesa dos fracos e oprimidos”, diz Sue Ridout, que em 2008 produziu sobre ele o documentário *Peace Warrior* (Guerreiro da Paz).

Mas será que aquele homem, tão grandioso em todos os aspectos – teimoso, determinado, viciado em metas insuperáveis –, conseguiria vencer uma situação em que perdera um pedaço do cérebro? “Ele tinha espírito combativo”, explica Debbie. “Eu já havia visto isso nele e achei que ele agiria assim de novo.”

a perguntas olhando as respostas que Debbie escrevia num quadro branco. Assim, ela conseguia saber se ele sentia dor e onde doía, informações essenciais que repassava à equipe médica.

Os médicos ficaram impressionados, mas estavam pessimistas. A lesão era a pior que alguns já tinham visto; todos lembravam a Debbie que o fato de ele ter sobrevivido já era um milagre. Um dos médicos a encorajou a interná-lo numa instituição de assistência de longo prazo, para que ela e Grace pudessem voltar à vida. Mas Debbie insistiu que ele se recuperaria.

No entanto, havia quase 400 anos de neurociência contra o casal. Até o fim do século 20, os médicos acreditavam que o cérebro era uma máquina composta de peças, cada uma delas presa a um local específico para realizar uma tarefa. Hoje se sabe que o cérebro é mais adaptável do que isso, mas quando Greene estava no hospital acreditava-se que o período de recuperação do cérebro fosse curto. “A ideia comum é que a maior recuperação acontece num número relativamente pequeno de meses depois da lesão”, explica Stephen Lindsay, pesquisador da Universidade de Victoria que estuda o caso de Greene. “Após seis meses, acredita-se que o máximo já tenha acontecido.”

Para Greene, as consequências eram arrasadoras. Afinal, não precisava apenas de um “remendo”; ele perdera massa cinzenta. Após chegar ao Hospital-Geral de Vancouver, fez uma cirurgia cerebral e sobreviveu a duas pneumonias quase fatais. Como passara muito tempo lutando pela vida, não tivera condições de fazer reabilitação suficiente naqueles primeiros meses fundamentais. Não surpreende que, desde o começo, os médicos duvidassem que voltasse a falar ou a andar.

**Algumas semanas depois** de Greene acordar do coma, a irmã, Suzanne, chegou com Debbie para visitá-lo. Uma enfermeira se aproximou.

– Vejam... – disse às duas, pondo o dedo sobre o furo no pescoço de Greene onde era inserido o tubo para remover o muco do pulmão. – Quem é essa? – perguntou, apontando Suzanne.

E Greene respondeu:

– Oi, Suzy.

Debbie ficou toda arrepiada.

“Aquele dia foi muito emocionante”, diz ela.

Mas os médicos abalaram sua esperança. A recuperação de Greene estava além do que conseguiam explicar com a ciência atual e disseram a Debbie que não devia esperar mais milagres. Como o machado lesionara o córtex motor de Greene, a paralisia era quase certa. O máximo que se podia esperar, disse um dos médicos,

## **COM FORÇA DE VONTADÉ E REABILITAÇÃO, GREENE REPROGRAMOU O SEU CÉREBRO.**

era que ele conseguisse erguer o dedo e, assim, controlar uma cadeira de rodas elétrica.

*Bobagem*, pensou Debbie. Ela percebeu que o noivo teria de sair do hospital para melhorar.

As Forças Armadas tentaram arranjar para Greene uma vaga no Centro Centennial de Saúde Mental e Lesões Cerebrais, em Ponoka, no estado de Alberta, um dos principais centros de reabilitação de lesões cerebrais do oeste do Canadá. Embora os médicos do Centennial tivessem muitas dúvidas sobre a recuperação de Greene,

aceitaram-no para os testes de um medicamento. Depois de reagir bem à droga, ele iniciou uma intensa série de fonoaudiologia e terapia ocupacional e física.

**Aos poucos, a situação começou a** mudar; mas, ironicamente, o sucesso quase derrubou Greene. Com a melhora da capacidade cognitiva, ele passou a entender a realidade e percebeu tudo o que lhe acontecera. E não demorou para que se visse imobilizado pelo transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). “Era como se houvesse ratos comendo meu estômago e meu coração. Eu conseguia sentir no nariz o pó do Afeganistão”, recorda ele.

A angústia e a depressão constantes tornaram quase impossível a Greene participar de sua reabilitação. Vomitava em quase todas as sessões de fisioterapia, era impossível conversar e não conseguia ficar perto da TV, com medo de ver notícias sobre a guerra no Afeganistão. O TEPT do noivo deixou Debbie chocada.

– Dá para trabalhar e superar barreiras físicas, mas as emocionais a gente sente no coração – diz ela, que lutou para manter a calma pelo bem da filha, que acabara de fazer 3 anos.

– Aquilo quase acabou conosco – admite Greene.

Por meio do exército, Greene entrou em contato regular com uma rede de apoio de colegas. “Ponha os pés no chão”, disse um deles. “Você não está mais no Afeganistão.” Greene acabou percebendo que tinha de aceitar o que acontecera dois anos antes, naquele

dia em Shinkay. “Eu era um soldado estrangeiro fardado. Não foi pessoal. Tive de perdoá-lo para poder avançar.”

**Depois de seis meses** em Ponoka, no ponto máximo do TEPT, disseram a Debbie que Greene teria de sair do hospital. O transtorno retardara seu progresso, e os médicos do centro acharam que o seu estado não melhoraria. Mas o casal não aceitou o fato de que Greene chegara ao fim da linha, e Debbie decidiu reunir uma nova equipe para ajudá-lo a se reabilitar. Lutou para conseguir uma extensão do prazo em Ponoka enquanto buscava recursos nas Forças Armadas e transformava em academia a garagem da casa nova em Nanaimo, na Colúmbia Britânica. Procurou fisioterapeutas e fonoaudiólogos e contratou um auxiliar residente. Depois, abandonou a carreira de contadora e, a partir de setembro de 2008, ela e Greene se entregaram à reabilitação como se fosse um emprego em tempo integral, a prioridade máxima ao lado de cuidar da filha. Todo dia, depois de deixar Grace na escola, passavam pelo menos uma hora fazendo exercícios e alongamentos projetados para fortalecer os músculos e o controle motor.

Debbie confessa a admiração que sente por Greene quando começou a vê-lo trabalhar: o ar de total concentração no rosto, os grunhidos do esforço sobre-humano necessário para forçar o corpo a fazer algo.

Um dos motivos que fizeram Greene continuar foi o sonho de levar a noiva pelo corredor da igreja, no casa-



**UM MOMENTO QUE  
DEBBIE LEPORE  
JAMAIS ESQUECERÁ:  
A PRIMEIRA  
DANÇA COM O  
MARIDO NO DIA DO  
CASAMENTO.**

mento. Mas os músculos tinham encolhido tanto que os pés se enrolaram como garras deformadas. Então, certa manhã, Greene foi procurado pelo Dr. Norgrove Penny, cirurgião ortopédico de Victoria que na noite anterior vira o documentário de Ridout sobre Greene. “Posso ajudar”, disse ele. A combinação incomum de experiência com medicina desportiva e tratamento de pés tortos congênitos em Uganda tornava-o especialmente qualificado para ajudar Greene. O Dr. Penny usava uma tecnologia co-

## “TREVOR É UM DOS PRIMEIROS EXPLORADORES NESSE TERRITÓRIO DESCONHECIDO.”

*Ryan D’Arcy, neurocientista*

nhecida como “aparelho de Ilizarov”, criada para a ortopedia pediátrica: uma tala de anéis metálicos presos a pinos fixados diretamente no osso do paciente. Todo dia, Greene apertava os parafusos só um pouquinho, para puxar os pés uma fração de centímetro. No decorrer de quatro meses, os pés voltaram para a posição natural.

Com os pés endireitados, Greene pôde se concentrar em reaprender habilidades como mover a parte superior do tronco, a partir dos quadris, e se manter ereto, montando o quebra-cabeça que é andar. Apesar

da lesão cerebral e do ceticismo constante da classe médica, ele progredia. “Cada pequeno movimento que fazia por conta própria era muito emocionante”, diz Bonnie Lamley, sua fisioterapeuta. “Era de tirar o fôlego.”

Hoje, Greene recuperou quase inteiramente a capacidade cognitiva e está escrevendo, com Debbie, um livro sobre a sua experiência.

“Em Edmonton, encontrei o paramédico que salvou minha vida”, diz Greene. “Ele caiu em prantos. A última vez que me vira, eu estava jogado no chão, com o cérebro espalhado na terra.”

Embora faça pausas para juntar as palavras, o seu discurso é eloquente, e ele emprega as metáforas e imagens que antes enchiam os seus textos.

“É fundamental”, afirma, “tirar o máximo de cada minuto, sugar os ossos da vida até a medula, porque a gente nunca sabe quando ela vai acabar.”

**Por que os médicos erraram?** Uma pista pode estar na série de estudos começados na década de 1960 e só amplamente aceitos nas duas últimas décadas, que mostraram que o cérebro pode se reorganizar para realizar melhor o que se exige dele. Ao contrário da antiga crença de que o cérebro é uma máquina estática formada de peças fixas, essa teoria da “neuroplasticidade” retrata um cérebro que muda sempre; quando uma parte é lesada, outra pode assumir o seu papel. Parece que, além de provar essa teoria, Greene e Debbie estão forçando a plasticidade cerebral muito além das expectativas dos pesquisadores.

As conquistas extraordinárias de Greene chamaram a atenção de Ryan D'Arcy, neurocientista do Conselho Nacional de Pesquisa do Canadá. Há tempo, juntamente com Stephen Lindsay, da Universidade de Victoria, ele começou a fazer exames de neuroimagem do cérebro de Greene. Eles confirmaram que partes do cérebro estão assumindo as funções perdidas. Depois do primeiro exame, Greene refinou a capacidade motora da mão esquerda e, no segundo exame, os cientistas viram que o seu cérebro voltara a se organizar para realizar essa nova tarefa. Desde então, verificaram resultados semelhantes nas pernas de Greene.

Com força de vontade e reabilitação intensiva, Greene reprogramou o cérebro. E continua a recuperar funções motoras específicas cinco anos após o ataque. Os programas tradicionais de reabilitação de lesões cerebrais estão sendo atualizados para incorporar os indícios de que a melhora do paciente não está destinada a se interromper depois de certo período. Os exames do cérebro de Greene mostram que dedicar-se à reabilitação por longo tempo pode dar resultado semelhante em outros pacientes com lesão cerebral, como as vítimas de AVCs e as crianças com paralisia cerebral.

Talvez, no caso de Greene, o mais importante seja inspirar quem tem lesões cerebrais a manter a esperança além do que prometiam antes os programas tradicionais de reabilitação. “Trevor é um dos primeiros exploradores”, diz D'Arcy. “Esse é um território desconhecido.”

**Em 24 de julho de 2010**, dia quente e de céu limpo, Greene ficou em pé sem ajuda nas barras paralelas no quintal da irmã de Debbie. Foi uma cerimônia de casamento simples e elegante. Greene, usando *kilt* e uma camisa social branca, sentou-se ao fazer os votos para liberar as mãos e pôr a aliança no dedo da noiva, sentada em seu colo diante de 130 amigos e familiares.

O que comemoravam? A crença inabalável de Debbie em Greene, a determinação dele e a recusa dos dois de aceitar que a recuperação terminara. Mas o momento que Debbie jamais esquecerá foi a primeira dança. Greene se apoiou nas barras, com os braços de Debbie em torno dele. “Lembro-me que ele estava com um sorriso enorme no rosto.” Os convidados ficaram de pé e começaram a cantar e dançar em volta do casal aos primeiros acordes de *I Believe in Miracles* (Acredito em milagres).

## HORA DOS PRESENTES

**Minha amiga foi** visitar a avó, que comemorava 90 anos. Enquanto ela admirava os presentes, a avó apontou para um deles. Referindo-se a quem deu o presente, disse:

– Sei que teve boa intenção, mas seria mais apropriado para uma pessoa mais velha.

*Carolyn Hilborn Vasco*